



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
DO IFRJ/CAMPUS MESQUITA**

Sheila Cristina Matos dos Santos

**FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A EXCLUSÃO SOCIAL NOS MUSEUS DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Mesquita/RJ
2016

Sheila Cristina Matos dos Santos

**FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A EXCLUSÃO SOCIAL NOS MUSEUS DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA (C & T)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Educação e Divulgação Científica do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação e Divulgação Científica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro / Campus Mesquita.

Orientadora: Prof.^a. Me. Carla Mahomed Gomes Falcão Silva
Coorientadora: Prof^a Dr^a Andréa Silva do Nascimento

Mesquita/RJ
2016

S237f

Santos, Sheila Cristina Matos dos.

Fatores que contribuem para a exclusão social nos museus de ciência e tecnologia (C&T). / Sheila Cristina Matos dos Santos. – Rio de Janeiro; Mesquita, 2016.

38p.

Monografia (Curso especialização em Educação e Divulgação Científica do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Divulgação Científica.) _ do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro / Campus Mesquita, 2016.

Orientador: Profª Me Carla Mahomed Gomes Falcão Silva Coorientadora. Profª Drª Andréa Silva do Nascimento.

1. Museu de Ciência e Tecnologia. 2. Inclusão Social. 3. Terceiro Setor. I. Santos, Sheila Cristina Matos dos. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

CDU 069:001:6

Sheila Cristina Matos dos Santos

**FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A EXCLUSÃO SOCIAL NOS MUSEUS DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA (C & T)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Educação e Divulgação Científica do Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação e Divulgação Científica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro / Campus Mesquita.

Data de aprovação: 15 de Fevereiro de 2016.

Prof^a Me. Carla Mahomed Gomes Falcão Silva (Orientadora)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Prof^a Dra. Andréa Silva do Nascimento (Coorientadora e membro da banca)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Prof^o Dr. Manoel Ricardo Simões (membro da banca)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Prof.^a Dr^a Maylta Brandão dos Anjos (membro suplente da banca)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Mesquita/RJ
2016

SANTOS, Sheila Cristina Matos dos. **Fatores que contribuem para a exclusão nos Museus de Ciência e Tecnologia (C & T)**. (38 p.) Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação em Educação e Divulgação Científica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Mesquita, Mesquita, RJ, 2016.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar os fatores que contribuem para a exclusão social nos museus de ciência e tecnologia (C & T), a partir de entrevistas realizadas com os profissionais terceirizados que atuam nestes espaços de educação não formal. A metodologia está pautada na pesquisa qualitativa através da realização de entrevistas semiestruturadas, concedidas pelos profissionais terceirizados com a autorização de seus supervisores. O instrumento de coleta de dados utilizado pautou-se em um roteiro que abordava o perfil socioeconômico; o conhecimento sobre: os museus e, em específico, os museus visitados; o tempo de atuação na instituição; as atividades; a realização de treinamento sobre as atividades e a exposição ofertadas pelo museu de C & T; a realização de visitas ao museu no tempo livre. As entrevistas foram realizadas junto a seis profissionais terceirizados. Os resultados mostraram que os sujeitos entrevistados estão na faixa etária entre 34 a 60 anos, três concluíram o ensino médio; quatro são moradores da região da Baixada Fluminense/RJ; o tempo de atuação na instituição varia entre seis meses a quinze anos; todos possuem conhecimento das atividades ofertadas pelo museu, porém nunca fizeram uma visita promovida pelo espaço especificamente para eles; os museus visitados pelos sujeitos da pesquisa foram o Museu Imperial em Petrópolis e o Museu e a Casa da Marquesa de Santos, em São Cristóvão; os sujeitos não se sentem incentivados a realizar uma visita fora do horário de trabalho; dois entrevistados que atuavam há mais de dez anos revelaram que nunca receberam nenhum tipo de treinamento sobre a exposição e/ou atividades educativas. Desse modo, conclui-se que a inclusão social ainda é um processo em construção e bastante lento, principalmente no que diz respeito a esse público invisível que são profissionais atuantes em museus de C & T; estes profissionais exercem suas funções nos museus e não se sentem pertencentes a este espaço; há ausência de ações ou propostas de atividades voltadas para este público em potencial; o funcionário terceirizado é negligenciado, ou seja, ele é excluído socialmente das instituições. Sendo assim, esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar a temática sobre inclusão e exclusão social dos profissionais terceirizados dos museus de C & T, pois entendo que são processos materializados pelas atitudes de cada sujeito e desafios dessas instituições para consolidar o papel de construção de cidadania dentro da sociedade na qual vivemos.

Palavras – chave: museus de ciência e tecnologia, público invisível, inclusão e exclusão social.

SANTOS.S. de C.M . **Fatores que contribuem para a exclusão nos Museus de Ciência e Tecnologia (C & T)**. (38 p.). Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação em Educação e Divulgação Científica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Mesquita, Mesquita, RJ, 2015.

ABSTRACT

This study aims to identify the factors that contribute to social exclusion in science and technology museums (S & T), from interviews with outsourced professionals working in these non-formal education spaces. The methodology is guided in qualitative research by conducting semi-structured interviews granted by outsourced professionals with the permission of their coordinators. The data collection instrument used was based on a script that addressed the socioeconomic profile, knowledge of museums, visited museums, activities in the institution, knowledge of the activities, conducting training on the activities and exposure offered by the museum C & T, conducting visits to the museum on free time. Interviews were conducted with six outsourced workers. In addition, observations were made of the reality of each context through direct observations of interpersonal relationships. The results showed that the interviewees are aged between 34-60 years, three high school graduates; four are residents of the region of Baixada Fluminense/RJ; the time of work at the institution ranging from six months to fifteen years; all have knowledge of the activities offered by the museum, but never made a visit sponsored by the space specifically for them; museums visited by the research subjects were the Imperial Museum in Petropolis and the Museum and the House of the Marquesa de Santos, in São Cristóvão; the subjects do not feel encouraged to make a visit out of working hours; two interviewees who worked for more than ten years have revealed that they never received any training on the exposure and / or educational activities. Thus, it is concluded that social inclusion is still an ongoing process and rather slow, especially with regard to this invisible audience who are professionals working in S & T museums; these professionals perform their duties in museums and not feel they belong to this space; there are no actions or proposals for activities focused on this potential audience; outsourced employee is neglected, ie it is socially excluded institutions. Thus, this research does not intend to exhaust the theme of social inclusion and exclusion of outsourced professionals S & T museums as I realize are materialized processes the attitudes of each subject and challenges of these institutions to consolidate the role of building citizenship within the society in which we live.

Key - words: science and technology museums, invisible element, social invisibility and social exclusion

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter sabedoria, saúde, paz e discernimento na escolha do curso, requisitos estes que foram fundamentais para realização de mais este sonho e por Ele ser o responsável direto desta conquista.

A minha família pela compreensão e paciência nos momentos difíceis dessa caminhada, diante de mais esse desafio de formação profissional.

Ao meu cônjuge, Fernando e ao meu filho Gabriel e amigos que me incentivaram e apoiaram nessa trajetória, da realização do curso e durante a escrita do trabalho.

A todos os professores do Instituto Federal do Estado do Rio de Janeiro /IFRJ campus Mesquita, que colaboraram no decorrer deste curso, compartilhando seus conhecimentos.

À professora e orientadora Me. Carla Mahomed Gomes Falcão Silva, pela atenção e compreensão no processo de realização deste trabalho.

Aos professores Dr^a Andréa Nascimento e Dr. Manoel Ricardo por aceitarem participar da banca de avaliação.

E um obrigado especial, à amiga Patrícia que muito me ajudou ao longo do curso e na revisão da escrita desta pesquisa.

Obrigada

"Somos o que fazemos, mas somos principalmente, o que fazemos para mudar o que somos." (Eduardo Galeano)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem do sítio Institucional do Museu Nacional pág. 25

Figura 2 - Imagem do sítio Institucional do Museu de Astronomia e Ciências Afins..... pág. 27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa..... pág.28

Quadro 2 - Resumo dos aspectos abordados nas entrevistas pág.30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - DIMENSÃO SOCIAL E EDUCATIVA DOS MUSEUS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (C & T).....	14
1.1. Perspectiva histórica dos museus de ciência e tecnologia.....	14
CAPÍTULO 2 - INVISIBILIDADE SOCIAL	19
2.1. Contexto da exclusão social	19
2.2. Violência Simbólica.....	21
2.3. A invisibilidade social nos museus de ciência e tecnologia	22
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE DADOS	27
4.1- Aspectos sobre as propostas educativas voltadas para inclusão nas instituições pesquisadas:	27
4.1.1 – Sítio do Museu Nacional/IFRJ.....	27
4.1.2. – Sítio do Museu de Astronomia e Ciências Afins	28
4.2. Análise das entrevistas	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS	37
ANEXO 1: ROTEIRO DA ENTREVISTA	37
ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	38

INTRODUÇÃO

Como educadora da educação básica das séries iniciais e finais do ensino fundamental, graduada em Geografia, já com um olhar diferenciado da realidade que nos cerca e na busca de entender através de leituras o motivo das desigualdades sociais que ocorrem no espaço geográfico, decidi me inserir em um Programa de Pós-Graduação na área de Educação.

Ao compreender que o estudo da Geografia se dá no espaço geográfico e que também consiste em analisar as relações sociais no mesmo, surge a inquietação de conhecer quais são os fatores que contribuem nos museus de ciência e tecnologia para a inclusão/exclusão de sujeitos que atuam nestes espaços de educação não formal. Segundo Xiberras - “o excluído seria, pois, aquele que é rejeitado para fora dos nossos espaços, dos nossos mercados materiais e/ou simbólicos, para fora dos nossos valores.” (1996, p.22).

Considera-se que tanto os espaços de educação formal quanto os espaços de educação não formal podem desempenhar um papel importante na vida dos sujeitos em situação vulnerável, para que estes não somente observem os acontecimentos do mundo, mas que tenham a oportunidade de interagir e que não fique na posição de expectador, mas que possam assumir uma posição de construtor da sua própria história.

De acordo com Gohn (1999),

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura de mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na e pela mídia, em especial a eletrônica, etc. São processos de auto-aprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade etc. (GOHN, 1999, p.98)

Sendo a educação não formal importante em várias etapas da vida dos sujeitos, ainda assim, não se faz presente integralmente dentro da sociedade, ou seja, ainda não consegue alcançar a todos sem distinção, deixando, portanto, uma lacuna não só no processo da auto aprendizagem como também na aprendizagem coletiva.

A partir desta perspectiva, é importante ressaltar que meu interesse em pesquisar sobre esse tema surgiu a partir de motivações profissionais e da curiosidade em conhecer o que os espaços de educação não formal, como museus de ciência e tecnologia, fazem para incluir nos seus projetos pedagógicos esses sujeitos em situação social menos privilegiada.

Ao ingressar no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) para cursar a Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação e Divulgação Científica no Campus de Mesquita, deparei-me com essa inquietação. No decorrer do curso, a troca de experiências entre professores e colegas fez aumentar o desejo de aprofundar as questões relativas a este tema, apesar dos desafios e dificuldades que poderia enfrentar para desenvolver esta pesquisa.

Levando em consideração a importância dos museus de ciência e tecnologia na leitura e compreensão de mundo visando à formação do cidadão, este estudo se faz importante na medida em que contribui para refletir sobre a inclusão desses sujeitos, para que os mesmos possam ter oportunidades de se tornarem capazes de exercerem sua cidadania e atuarem de maneira crítica dentro da sociedade em que vivemos. Nessa perspectiva, este trabalho monográfico está organizado em quatro capítulos.

O capítulo I traz uma breve abordagem sobre a dimensão social e educativa dos museus de ciência e tecnologia.

O capítulo II discorre sobre o contexto da exclusão social levando a uma invisibilidade social.

O capítulo III descreve os procedimentos metodológicos para a realização deste estudo, apoiando-se na abordagem qualitativa.

O capítulo IV apresenta a análise das entrevistas realizadas com os profissionais terceirizados que atuam nas instituições investigadas. E por fim são apresentadas as considerações finais.

CAPÍTULO 1 - DIMENSÃO SOCIAL E EDUCATIVA DOS MUSEUS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (C & T)

1.1. Perspectiva histórica dos museus de ciência e tecnologia

Neste capítulo, apresentamos a dimensão social e educativa enquanto função dos museus de ciência e tecnologia. Deste modo, para ser construída uma narrativa da história dos museus não se faz necessário retomar aspectos mais remotos de seu surgimento, considerando que vários autores realizaram estudos relacionados a esse aspecto.

Entretanto, é possível perceber que, ao percorrer o universo histórico dos museus, sempre houve uma preocupação com a educação enquanto tarefa a ser desenvolvida por essa instituição. Assim, desde o passado da biblioteca de Erastóstenes e o fim da utilização da palavra *museu* aplicada ao conceito de biblioteca, é marcada quando esta biblioteca foi queimada juntamente com seu rico acervo, não sendo encontradas notícias da existência dos mesmos pela Europa durante todo o milênio (476-1453).

O papel dos museus passa por várias transformações ao longo da sua história na sociedade. Para ilustrar, no fim do século III a.C, tinha como finalidade principal a preservação e o conhecimento do passado através do estudo das coleções que pertenciam aos nobres e estudiosos da época. Desse modo, buscava-se “formar e manter um gabinete de curiosidade conferia poder e status aos colecionadores” (POMIAN, 1984; GIRAUDY E BOUILHET, 1990)

O ato de colecionar, realizado pelo homem, também mudou ao longo do tempo. O que antes era para ser admirado e respeitado, pois tinha um caráter religioso, no século III, depois passou a ser elemento para estimar o poder e o prestígio, sendo consolidada efetivamente no século XIX. Porém, na Idade Média, a Igreja transformou os museus em receptores de doações eclesiásticas das coleções, o que vai determinar a valorização dos objetos e o poder da troca.

Como observa Pomian (1984, apud VALENTE 2003,):

Dois grupos, o clero e os detentores do poder, monopolizavam os semióforos (objetos que perderam seu valor de uso mas que representam o invisível), controlavam o acesso da população à arte e serviam-se deles para firmar sua posição dominante.(POMIAN,1984, apud VALENTE p.24)

Sendo assim, na Idade Média podem ser encontradas diferentes formas de organização de acúmulos de coisas, identificadas nos museus como os conhecemos até os dias atuais.

Na segunda metade do século XX, na realidade da Europa, para contrapor aos museus que somente difundiam a cultura clássica, outros museus começaram a surgir para divulgar as coleções de forma mais popular tomando para si a responsabilidade pela preservação das mesmas e fazendo propostas renovadas com o objetivo de incluir o público leigo, porém, esse impulso museológico não conseguiu alcançar seu objetivo o que Schaer (1993 apud VALENTE, 2003, p.39) chamou de “ confusão museológica.”

Ainda no contexto europeu, o surgimento de novos museus e a institucionalização de seus espaços ocorre de forma rápida no século XIX, sendo colocado à disposição do povo com o objetivo de contribuir para a educação e formação da consciência nacional (GIRAUDY e BOUILHET, 1990). É neste século também que os aspectos de uma educação reflexiva começam a fazer parte dos discursos destas instituições através do desenvolvimento científico e tecnológico, onde ocorria o processo de industrialização e, conseqüentemente, a necessidade de mão-de-obra qualificada para o trabalho, aumentando a preocupação com a educação das massas urbanas, que ocorreu em diversos países.

No século XX, No âmbito mundial, dentro de uma perspectiva pedagógica, os museus de ciência e tecnologia foram criados e importantes iniciativas foram desenvolvidas nas instituições museais, dentre as quais podemos citar: Museu Conservatório de Artes e Ofícios (1850) e os Institutos de Mecânica que foram criados nos Estados Unidos e Inglaterra, o Deutsches Museum (1903) na Alemanha e o Palais de La Découverte de Paris (1937).

Já no contexto da modernização da sociedade brasileira, os museus criados neste período exerceram um papel fundamental. Mais uma vez, a dinâmica das exposições dos museus de ciência e tecnologia se volta para a educação, ocorrendo uma aproximação do público com os mesmos, tendo como objetivo ampliar o conhecimento da ciência e sua influência dentro do novo contexto que se encontrava a sociedade.

Sobre este cenário, Valente (1995) e Cazelli (1992) consideram que “uma nova configuração da relação público/museu, na qual a participação física do público é solicitada e a interação com a exposição é mais direta, forma as bases das instituições conhecidas como museus interativos de ciência.” (VALENTE ET AL, 1995 apud GRUZMAN e SIQUEIRA, 2007, p.406).

O Museu Nacional do Rio de Janeiro (1818), o Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém/ Pará, 1866) e o Museu do Ipiranga (atual Museu Paulista, 1894) - os três respectivamente museus de ciência - são referências no Brasil durante o século XIX. Temos, então, já na década de 1980, um esforço dessas instituições em ampliar a inserção da população de modo geral quanto ao acesso aos espaços, ainda que continuassem sendo frequentados por um grupo ainda seletivo.

Também foram criados no Brasil, na década de 1980, museus de ciência e tecnologia, nos quais podemos destacar: o Museu de Ciência e Tecnologia da Bahia (UNEB); o Espaço Ciência Viva; o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), ambos localizados no estado do Rio de Janeiro; o Centro de Difusão Científica e Cultural (USP/ São Carlos/1985); a Estação Ciência (USP/ São Paulo, 1985); o Museu Dinâmico de Ciências de Campinas (UNICAMP e Prefeitura de Campinas, 1985).

Segundo Gruzman e Siqueira, (2007, p.407) os museus de ciência e tecnologia se constituíram ao longo do tempo como espaços de educação pública de caráter não formal, pretendendo contribuir para a alfabetização científica da sociedade.

Algumas ações voltadas para difundir a ciência no âmbito da cultura e da educação se faz presente também na década de 1990 e ganharam impulso com a

abertura de editais elaborados por diferentes esferas governamentais: municipal, estadual e federal, que apoiavam instituições museológicas nas áreas de ciência e tecnologia. Instituições privadas também participaram de movimento de promoção à educação em espaços não formais de educação, como a Fundação Vitae.

Outras quatro instituições museológicas foram inauguradas na década de 1990, que também contribuíram para a difusão científica: O Museu do Universo da Fundação Planetário/RJ, 1998; o Museu de Ciência e tecnologia da PUC/RS (1998); o Espaço Ciência, vinculado à Secretaria de Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente de Pernambuco (1994) e o Museu da Vida, da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ (1999).

Apesar da preocupação constante dos museus com a educação ao longo do seu processo histórico, é possível perceber através de leituras que nem sempre essa educação ocorreu de maneira efetiva alcançando o todo sem distinção, o que se percebe é que em vários momentos ela está vinculada a algum interesse que só beneficia uma parcela da sociedade, o que se perpetua até hoje.

Os desafios atuais das instituições museológicas encontram-se intimamente ligados ao seu processo histórico e que precisam ser vencidos, pois como Gruzman e Siqueira (2007, p.409) apontam:

A constante repetição entre indivíduos das possibilidades da globalização faz parecer que a participação de todos é uma sólida verdade. A distorção da noção de tempo e espaço criou uma falsa impressão de igualdade, onde indivíduos teriam a mesma oportunidade de participação como se todos tivessem acesso aos avanços da ciência e da técnica. Contudo, a situação tal como se apresenta, com uma grande parcela da população excluída deste processo de globalização, mostra como a noção de tempo e a noção de espaço são relativas. (GRUZMAN e SIQUEIRA, p.409)

O que o autor coloca em foco é que mesmo os sujeitos vivendo em mundo onde é propagado que o encurtamento das distâncias e o fluxo de mercadorias é global, nem todos são beneficiados por este “progresso”, que não está disponível para qualquer um que queira ingressá-lo.

Sendo assim, ainda segundo Santos (2000, apud GRUZMAN e SIQUEIRA, 2007) entender as permanentes mudanças e as transformações que ainda não foram previstas contribui para propagação de ideais democráticos e participativos (Santos, 2000).

Seguindo essas proposições, o autor Martín-Barbero (2003, apud Gruzman E Siqueira) considera que:

O conceito de educação tende a se alargar para outros espaços sociais, onde diferentes saberes vindos da cultura oral, audiovisual e letrada estão disponíveis. Além disso, as diferentes linguagens que se propagam no modo de vida atual produzem e difundem conhecimentos que se encontram mediados por tecnologias em constante transformação, exigindo também uma adaptação nos modos de ver, ler, de pensar e de aprender. (MARTINS 2003 apud GRUZMAN e SIQUEIRA, 2007 p. 410).

Os desafios que o museu tem pela frente são grandes, no que diz respeito ao seu papel educativo dentro da sociedade, pois estudiosos ressaltam aspectos relacionados à educação do futuro e que vêm de encontro às reflexões que repercutem no museu.

Segundo Studart et al, (2004):

O objetivo da educação em museus, assim com a educação em um sentido mais amplo é oferecer possibilidades para a comunicação, a informação, o aprendizado, a construção da cidadania e o entendimento do que seja identidade". Considera-se o museu como espaço privilegiado para a articulação dos aspectos afetivos, cognitivos, sensoriais, do conhecimento concreto e abstrato, bem como a produção de saberes. Sua dimensão educativa deverá privilegiar atividades fundamentadas em metodologias próprias que permitam a formação de um sujeito histórico-social que analisa criticamente, recria e constrói a partir de um referencial que se situa no seu patrimônio cultural tangível e intangível. (STUDART et al, 2004.p.37-38).

O papel dos museus e centros de ciência é de grande relevância, podendo contribuir de maneira significativa na vida dos sujeitos, o que poderá torná-los críticos, reflexivos e participativos na sociedade.

CAPÍTULO 2 - INVISIBILIDADE SOCIAL

2.1. Contexto da exclusão social

"O invisível não é irreal: é o real que não é visto". Murilo Mendes (1995, p. 817)

Com o advento do processo de globalização, muitos problemas sociais se intensificaram, pois a mesma é parte de um processo de exclusão, que se aproveita de mecanismos e dos meios de comunicação em massa, fomentando uma falsa impressão de que promove a igualdade e que se vive num mundo justo, no qual todos têm acesso a bens e serviços de qualidade na mesma proporção e com mesmo nível de conhecimento.

De acordo com Martins (2000, apud Michels 2006), "A sociedade que exclui é a mesma que inclui e integra, que cria formas também desumanas de participação, na medida em que delas faz condições de privilégios e não de direitos" (MARTINS, 2000 apud MICHESL 2006 p.418).

Falar de invisibilidade social pode parecer algo que não tenha importância, ou seja desnecessário, já que vivemos num mundo onde os recursos e os serviços estão disponibilizados para todos.

No entanto, o fenômeno da invisibilidade social ocorre em todos os campos da sociedade ao longo do tempo, principalmente no que se refere à distribuição de renda, do acesso aos bens materiais e culturais dos sujeitos com pouca escolaridade, encontrando-se dentro deste contexto profissionais tais como por exemplo: os garis, faxineiros, seguranças, frentistas, motoristas e cobradores de ônibus. Dentre esses, podemos citar também os profissionais terceirizados que trabalham em museus de ciência e tecnologia (C & T), que se encontram em situação de invisibilidade, já que muitos não conhecem o próprio espaço em que trabalham e o que ocorre no mesmo. O excluído pode estar "inserido" profissionalmente em um equipamento cultural, mas não fazer parte da sua rotina de entretenimento no tempo.

Para Bourdieu, (1980):

O volume de capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado. (BOURDIEU,P.1980 p.67)

Vale ressaltar, que tanto os espaços de educação formal, quanto os espaços de educação não formal podem desempenhar um papel importante na vida dos sujeitos em situação vulnerável¹, para que estes não somente observem os acontecimentos do mundo, mas que tenham a oportunidade de participar e interagir. Em outras palavras, que não fiquem na posição de expectador, mas que possam assumir uma posição de construtor da sua própria história.

Diante dessa perspectiva, entendemos que a educação não formal é importante nas mais variadas etapas da vida dos sujeitos, como já dito anteriormente. Ainda assim, esse processo não se faz presente integralmente dentro da sociedade, pois ainda não consegue alcançar a todos sem distinção, deixando, portanto, uma lacuna não só no processo da autoaprendizagem, como também na aprendizagem coletiva. Para Gohn (2006, p. 28), “a educação não formal é aquela que se aprende no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

Diante do exposto, fica evidente que a educação não formal colabora com a formação de cidadãos críticos, com a aprendizagem, consciência dos direitos políticos, interesse pelo meio social, natureza e consciência de grupo.

De acordo com Oliveira (2015):

A garantia constitucional não assegura a todos um tratamento digno igualitário e respeitoso às diversas formas de existência. É possível constatar a todo momento violações explícitas ou simbólicas desses direitos. Formar e formar-se como sujeito de direito implica na percepção de que o direito, quando assegurado pelo Estado, é fruto de muita luta daqueles que possuem sua humanidade violada. Assim podemos elencar grupos de resistência e luta que expressam a voz de uma parcela da população – ONGs, Movimentos Sociais, grupos de defesa dos Direitos Humanos, entre Outros coletivos. (OLIVEIRA, 2015, p.60).

¹ Importa informar que neste trabalho estamos privilegiando a definição proposta por Gohn para educação formal e para educação não formal.

Cabe ressaltar que é fundamental para qualquer cidadão do mundo contemporâneo que seus direitos possam ser garantidos e, sobretudo, respeitados, sem qualquer distinção de classe social, renda e origem racial, entre outras, para que tenham a oportunidade de exercer sua cidadania, buscando a melhor forma de viver dentro de uma sociedade estabelecida mais justa e igualitária.

2.2. Violência Simbólica

No cotidiano das pessoas, a violência simbólica tem se tornado cada vez mais comum, já que em muitos casos, a mesma não é percebida tanto por quem a pratica como para quem sofre.

Para Souza (2009, p.7):

As classes menos favorecidas são vítimas de “violências simbólicas” – é uma violência que não é percebida como violência – que parecem naturalizar a desigualdade social simbólica, no entanto, na contemporaneidade, a divisão social se amplia por meios modernos e simbólicos. (SOUZA, 2009, p.07).

Os sujeitos afetados pela violência simbólica são aqueles em situações mais vulneráveis (garis, catadores/ recicladores, moradores de rua, etc)) ou que realizam tarefas vistas como inferiores, (guardadores de carros, faxineiras, atendentes, etc.), sendo considerados apenas um elemento que realiza atividades, nas quais sujeitos com maior escolarização ou pertencente as classes mais abastadas não realizam.

Conforme Souza (2014, p. 11),

Esconder os fatores não econômicos da desigualdade é, na verdade, tornar invisível as duas questões que permitem efetivamente “compreender” o fenômeno da desigualdade social: a sua gênese e a sua reprodução no tempo. (SOUZA, 2014, p.11).

Partindo do pressuposto que as atividades profissionais exercidas pelos sujeitos como aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade, podemos considerar ainda que não somente os fatores econômicos estão intimamente associados com a desigualdade social mas também os culturais.

De acordo com Souza (2014),

Não é a renda que define o pertencimento a uma classe como pensa o senso comum e as concepções “científicas” baseadas nos preconceitos do senso comum. Ao contrário, a renda é mero efeito de fatores não econômicos – ainda que condicionados por uma condição socioeconômica particular aprendidos em tenra idade. O que é sempre escondido e nunca percebido nesta questão é o fato de que as classes sociais se produzem e reproduzem, antes de tudo, “afetivamente” por herança familiar. (SOUZA, 2014 p. 339).

A desigualdade social contemporânea é vista de forma distorcida, pois o marginalizado é visto como se fosse detentor das mesmas capacidades e oportunidades dos sujeitos da classe média, tornando a invisibilidade algo produzido pelo próprio sujeito, sendo legitimado pelo mundo moderno e fundamentado na meritocracia. A desigualdade não é estrutural, mas resultado de trajetórias individuais e específicas concebidas como fruto das escolhas de cada um, do exercício de sua liberdade. (SOUZA, 2014, p.281).

O autor defende a tese de que a desigualdade não ocorre de maneira homogênea e que está atrelada ao modo de vida de cada um e que as escolhas feitas pelos mesmos sujeitos irão definir qual posição ocupar dentro da sociedade.

2.3. A invisibilidade social nos museus de ciência e tecnologia

A invisibilidade social nos museus de ciência e tecnologia também se enquadra neste contexto, pois muitos projetos desenvolvidos pelos mesmos não contemplam aqueles sujeitos que realizam atividades terceirizadas no interior do museu.

Segundo Cabral, (2007):

É exatamente a invisibilidade pública que se dá, regra geral, nos museus, com o público constituído pelo pessoal da limpeza, da segurança, e que, cada vez mais, formado pelo pessoal terceirizado, não pertence ao quadro funcional do museu. Esse pessoal não é pensado como primeiro público do museu, embora esteja lá diariamente cumprindo suas obrigações. (CABRAL, 2007, p. 124)

É natural pensar que um público que atua profissionalmente no cotidiano

dentro de um espaço museal não seja visto, já que este contribui de forma indireta para a realização de tarefas ligadas a tudo que acontece em espaços como esses, gerando assim um paradoxo, e que pode levar a uma reflexão sobre o porquê que isso ainda ocorre nos dias atuais.

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo geral deste trabalho é analisar os fatores que contribuem para a exclusão social dos profissionais terceirizados que atuam em museus de ciência e tecnologia. As instituições escolhidas para o desenvolvimento da presente pesquisa foram o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e o Museu Nacional/UFRJ.

O motivo da escolha deve-se ao fato de que os dois apresentam em seus sítios institucionais ações que contribuem para a discussão sobre a inclusão/exclusão social nos museus de ciência e tecnologia. Ainda que de maneira tímida, esses espaços buscam contribuir para a implantação de uma política inclusiva.

Os sujeitos da pesquisa foram os profissionais terceirizados que atuam na segurança, na limpeza e na exposição (guarda-sala) nos dois museus.

Um trabalho de pesquisa não pode ser realizado sem adotar algumas técnicas e procedimentos que irão nortear a investigação. Sendo assim, o presente estudo utilizou como metodologia a análise destes dois campos empíricos através de uma abordagem qualitativa.

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandszna (1998, p.151):

A maior parte das pesquisas qualitativas se propõe a preencher lacunas no conhecimento, sendo poucas as que se originam no plano teórico, daí serem essas pesquisas frequentemente definidas como descritivas ou exploratórias. Essas lacunas geralmente se referem à compreensão de processos que ocorrem em uma dada instituição, grupo ou comunidade (ALVES-MAZZOTTI E GEWANDSZNA 1998, p. 151).

A pesquisa qualitativa busca compreender e explicar a dinâmica das relações sociais preocupando-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados.

Para Minayo (2001, p.21):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO 2001, p. 21).

O instrumento utilizado para coleta de dados da pesquisa consistiu em entrevistas semiestruturadas, aplicadas junto aos profissionais terceirizados. Além disso, foram feitas observações da realidade de cada contexto por meio de observações diretas em que pode detectar a atmosfera que permeia as relações interpessoais dos respondentes com suas chefias imediatas. Buscamos captar no discurso de cada entrevistado, explicações e interpretações de seu contexto.

A entrevista tomou como base um roteiro elaborado e constituído de perguntas abertas com foco no perfil socioeconômico e cultural. O roteiro pré-estabelecido para a realização das entrevistas abordava os seguintes aspectos:

- Perfil socioeconômico (idade, sexo, escolaridade, profissão, vínculo com a instituição e cidade da residência);
- Conhecimento de museus;
- Museus visitados;
- Tempo de atuação na instituição;
- Conhecimento das atividades;
- Realização de treinamento sobre as atividades e a exposição ofertadas pelo museu de C & T;
- Realização de visitas ao museu no tempo livre.

Para a efetivação das entrevistas, foi realizado um contato prévio com os coordenadores responsáveis pelos profissionais nos museus. A coleta de dados foi realizada entre novembro de 2015 a janeiro de 2016, ocorrendo de forma aleatória e mediante a assinatura de um termo de consentimento (anexo 2) do entrevistado.

A análise dos dados baseou-se na teoria da Análise de Conteúdo. Esta técnica está frequentemente presente em pesquisas na área de Ciências Humanas e Sociais. Trata-se de um método de tratamento de dados mais habitualmente utilizado em pesquisas qualitativas (Minayo, 2001).

De acordo com Bardin, (201, p.44), Análise de Conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens, e obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens". (BARDIN, 2011 p.44)

Nesta perspectiva foram seguidas etapas propostas por Bardin (2011) para a análise de conteúdo temática: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação. (p.125).

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo é apresentada a análise das entrevistas realizadas junto aos funcionários terceirizados do Museu Nacional/UFRJ e o Museu de Astronomia e Ciências Afins. Antes da apresentação da análise das entrevistas, cabe destacar alguns aspectos sobre as propostas educativas voltadas para educação inclusiva, encontradas no sítio institucional de cada museu.

4.1- Aspectos sobre as propostas educativas voltadas para inclusão nas instituições pesquisadas:

4.1.1 – Sítio do Museu Nacional/IFRJ

A figura a seguir mostra o sítio institucional do Museu Nacional onde a instituição apresenta um projeto experimental de Audioguia.

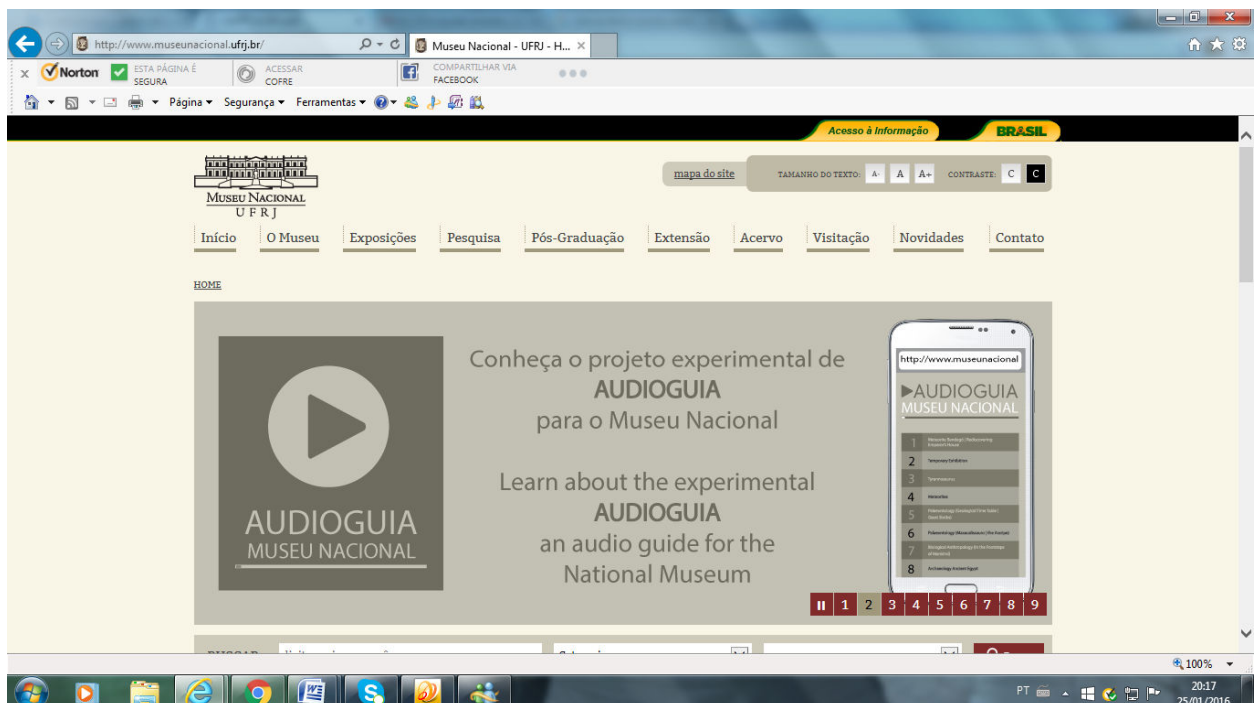


Figura 1: imagem do sítio institucional do Museu Nacional obtida em 25 de janeiro de 2016.

No sítio do Museu Nacional observaram-se os seguintes aspectos: foram identificadas várias ações que estão sendo implantadas que visam contribuir para incluir sujeitos que em situação de vulnerabilidade. No ano de 2013, foi inaugurada o Espaço Acessível com a exposição piloto - “O Mar Brasileiro na Ponta dos Dedos”, as peças que integravam esse acervo possuíam as seguintes características: diversas formas e texturas de diferentes grupos zoológicos; etiquetas em Braille e em tinta com letras ampliadas; um sistema de áudio que reproduz sons de aves marinhas, golfinhos e baleias; em uma caixa de madeira estava exposto diferentes tipos de areias de diversas praias do Brasil; a estrutura da exposição é de bambu e cordas; possibilita que pessoas em cadeiras de rodas (crianças e adultos) visualizem e toquem as peças de forma segura e confortável.

Com o objetivo de incluir pessoas com deficiência no ambiente museal, este espaço encontra-se em constante atualização de conteúdo e linguagem, segundo informações obtidas no sítio. Também foi desenvolvido um videoguia em Libras já que este projeto é voltado para a comunidade surda.

Outras medidas em nível institucional estão sendo desenvolvidas no espaço denominado Espaço Ciência Acessível, tais como: aplicação de piso tátil; aumento da sinalização e rampa de acesso.

Vale ressaltar que o setor educativo deste museu preocupa-se principalmente com a inclusão de pessoas com deficiência em potencial que o frequentam, porém, existe um público invisível no interior deste espaço que são os profissionais terceirizados que trabalham neste museu existindo a necessidade de um olhar diferenciado para este público interno que Bourdieu (1998) classificou como "excluídos do interior".

4.1.2. – Sítio do Museu de Astronomia e Ciências Afins

A figura 2 apresenta o sítio institucional do Museu de Astronomia e Ciências Afins.



Figura 2: imagem do sítio institucional do Museu de Astronomia e Ciências Afins obtida em 25 de janeiro de 2016.

No sítio do Museu de Astronomia e Ciências Afins observou-se os seguintes aspectos: uma das atividades realizadas pelo museu está em desenvolvimento que é a inclusão científica, que busca integrar diferentes públicos em diferentes espaços, ou seja, este projeto visa popularizar a ciência fora do museu, tais como: "O museu vai à praia"; "O planetário vai à Escola"; "O céu ao alcance de todos"; "O museu vai à Feira".

Este projeto teve início em 2013, em parceria com o Instituto Tim, além das atividades citadas, este museu ganhou o selo de acessibilidade prata da prefeitura do Rio de Janeiro² por adequar seus espaços e torná-los acessíveis.

4.2. Análise das entrevistas

Para a análise das entrevistas, foi utilizada a técnica da Análise de Conteúdo já explicitada no capítulo anterior. As variáveis envolvidas nestas análises não são quantificáveis. Desse modo, foi realizada uma análise de caráter qualitativo.

² Selo criado pela prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência para premiar diferentes espaços públicos que contemplem a acessibilidade para todos os cidadãos portadores de deficiência. Este selo dividi-se em quatro classificações bronze, prata, ouro e diamante.

Neste sentido, a análise focou em encontrar nas declarações dos sujeitos entrevistados pistas que apontem ações e propostas educativas de inclusão das instituições voltadas para estes funcionários terceirizados.

As entrevistas seguiram um roteiro que abordava o perfil socioeconômico (idade, sexo, escolaridade, profissão, vínculo com a instituição e cidade da residência); conhecimento dos museus; museus visitados; conhecimento das atividades educativas ofertadas pelo museu; tempo de atuação; realização de treinamento sobre a exposição e atividades educativas; realização de visitas ao museu no tempo livre. A proposta do roteiro era estimular o respondente a falar de forma livre e espontânea sobre as questões propostas.

Com base nas informações transmitidas pelos entrevistados, foram organizados dois quadros onde constam as informações dadas. O quadro 1 apresentado a seguir foi dividido evidenciando idade, sexo, escolaridade, profissão, vínculo com a instituição e cidade da residência dos seis entrevistados.

Perfil socioeconômico	Entrevista 1	Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5	Entrevista 6
Idade	34 anos	54 anos	46 anos	48 anos	30 anos	60 anos
Sexo	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	masculino	Feminino
Escolaridade	Ensino médio completo	6ª série do ensino fundamental	Ensino Médio completo	Ensino fundamental completo	2º ano do Ensino Médio - 2011	5º período do Curso de Direito
Profissão	Balconista de padaria	Vigilante	Vigilante	Vigilante	Vigilante	Encarregada dos funcionários da limpeza
Vínculo com a instituição	Terceirizado	Terceirizado	Terceirizado	Terceirizado	Terceirizado	Terceirizada
Cidade da residência	Ilha do Governador/RJ	Duque de Caxias	Nova Iguaçu	Rio de Janeiro	Duque de Caxias	Belford-Roxo

Quadro 1 – perfil socioeconômico dos participantes das entrevistas.

Observa-se os seguintes aspectos no quadro 1: a faixa etária dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa está entre 34 a 60 anos, três concluíram o ensino médio e quatro são moradores da Baixada Fluminense/RJ. O tempo de atuação na instituição varia entre seis meses a quinze anos.

O segundo quadro exposto a seguir apresenta os aspectos voltados para o conhecimento dos museus; os museus visitados; o conhecimento das atividades educativas ofertadas pelo museu; tempo de atuação; a realização ou não de treinamento; e a realização de visitas ao museu no tempo livre.

ASPECTOS	ENTREVISTADO 1	ENTREVISTADO 2	ENTREVISTADO 3	ENTREVISTADO 4	ENTREVISTADO 5	ENTREVISTADO 6
Conhecimento de museus	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim
Museus visitados	Não visitou	Museu de Petrópolis (Museu Imperial) e do Museu de Caxias (Museu Ciência e Vida)	Sim - Museu Nacional	Não visitou	Não visitou	Museu Nacional Museu Imperial Marquesa de Santos
Tempo de atuação	4 meses	2 anos e meio	6 meses	15 anos	1 ano e 3 meses	10 anos
Treinamento	Não	Treinamento relacionado à área de segurança	Treinamento relacionado à área de segurança	Não	Não - somente orientações relacionadas à preservação da exposição	Não
Conhecimento das atividades ofertadas	Conhece - assiste o atendimento dos alunos, mas nunca visitou.	Conhece	Conhece	Conhece	Conhece	Conhece
Já realizou alguma visita	Nunca realizou porque não tem tempo. Os filhos têm outras atividades para fazer. Ela acaba acompanhando os filhos nas suas atividades. Exemplo: futebol Alega ter oportunidade e informa que quem trabalha no museu tem gratuidade	Aniversário do Museu: Dinossauros	Sim - Aniversário do Museu: Dinossauros já trouxe a família	Sim - Semana da Ciência e Tecnologia Semana da Astronomia conhece as exposições	Não	Não

Quadro 2: resumo dos aspectos abordados nas entrevistas.

No quadro 2 notamos que todos entrevistados possuem conhecimento das atividades ofertadas pelo museu. No processo de análise das respostas dadas, foi identificado que alguns participantes assistem o atendimento ao público externo, enquanto realizam suas tarefas, porém, nunca fizeram uma visita promovida pelo espaço especificamente para eles. Dentre eles, dois já visitaram outros museus além do qual trabalham. Os museus visitados foram o Museu Imperial em Petrópolis e o Museu e a Casa da Marquesa de Santos, em São Cristóvão. Este dado aponta para a ausência de ações ou propostas de atividades voltadas para este público em potencial. Nos dois casos o funcionário terceirizado é negligenciado, ou seja, ele é excluído socialmente das instituições.

O que vem de encontro com Cabral, (2007, p.121):

O indivíduo traz em si os traços coletivos e culturais que vão determinar em grande parte o seu desempenho na sociedade, e que se um indivíduo não identifica os traços da sua cultura e da sua coletividade no museu, mas sim, ao contrário, identifica os de uma coletividade à qual não pertence, e que são reforçados pela instituição como tendo pertencido a pessoas especiais, o museu está desempenhando um papel que reproduz as regras gerais da sociedade - enfatizando a classe dominante. (CABRAL, M, 2007 p.121).

Constatou-se, também, que, apesar de todos respondentes conhecerem o espaço museal, os mesmos não se sentem incentivados a realizar uma visita fora do horário de trabalho. Foram identificados motivos para este impedimento: falta de tempo; dificuldade de transporte ou distância entre o museu e sua cidade de residência; falta de motivação/estímulo; condições financeiras; falta de hábito.

Os motivos citados corroboram para a importância de ações que viabilizem a visita desses profissionais nos espaços museais, tendo em vista que após uma análise dos sítios das duas instituições foi possível verificar que existe um discurso corrente em ambas instituições, apontando que desenvolvem ações que contribuem para a discussão sobre a inclusão/exclusão, destacando assim a importância do papel social como agente de construção e transformação na leitura crítica de mundo. Além disso, observa-se uma evidente incoerência entre o discurso e a prática revelada pelas declarações dos entrevistados.

Outro ponto observado nas entrevistas é que tempo de atuação profissional não inclui necessariamente em treinamento sobre a exposição ou as atividades educativas. Dois entrevistados que atuavam há mais de dez anos revelaram que nunca receberam nenhum tipo de treinamento por parte do museu. Isto reflete novamente um distanciamento entre os idealizadores das exposições e/ou atividades dos museus e estes funcionários.

Conforme Sandel, (2003, apud Cazelli et al):

A exclusão está relacionada em última instância à representação que se faz da sociedade como um todo e de seus diferentes grupos e, mais ainda, conforme o modelo de reconhecimento do que é compartilhado. Podem-se tomar por exclusão as concepções e as práticas que são legitimadas pelos museus, assim como por outras instituições, ou seja, em nome de quem ou de quem se aceita, mostra ou não o outro. (SANDEL, 2003 apud CAZELLI ET AL, 2015 p.209).

Apesar do progresso dos museus na contemporaneidade ainda assim, os desafios são grandes no que diz respeito a inclusão social, pois nem todos esses espaços conseguem alcançar os diferentes públicos e neste trabalho foi possível verificar *in loco* o quanto os espaços museais precisam avançar e reavaliar as práticas que legitimam o processo de exclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade contemporânea o tema inclusão social é discutido em diferentes setores. Levando em consideração que esta pesquisa tem o propósito de também levantar algumas questões relativas à temática, este trabalho se propôs a identificar os fatores que contribuem para exclusão social nos museus de ciência e tecnologia (C & T).

Inicialmente identificamos os profissionais terceirizados que trabalham dentro dos dois espaços escolhidos: Museu Nacional e o Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, que foram entrevistados. Através da coleta de dados, foram realizadas entrevistas com o objetivo de identificar que fatores que contribuíam para a exclusão social desses profissionais terceirizados nesses espaços.

O primeiro passo foi elaborar um roteiro para as entrevistas, no qual, as perguntas eram sobre o perfil socioeconômico; treinamento sobre o acervo do museu; tipo de vínculo com a instituição; conhecimento das atividades ofertadas pelo museu; realização de visitas ao espaço sozinho ou acompanhado. As entrevistas elaboradas e baseadas na temática dessa pesquisa foram realizadas com seis profissionais terceirizados desses dois espaços, com foco de conhecer o tipo de trabalho realizado pelos mesmos com a intenção de alcançar os objetivos propostos desse trabalho.

A inclusão social ainda é um processo em construção e bastante lento, principalmente, no que diz respeito a esse público invisível que atua como profissionais terceirizados destes espaços de educação não formal. Tal fato fica evidente nos resultados, ao observarmos as declarações que os sujeitos relatam que nunca realizaram uma visita promovida especificamente para eles. Outro dado relevante é o fato de nunca terem recebido nenhum tipo de formação relacionada às exposições e às atividades ofertadas para o público em geral.

Até mesmo os profissionais que já trabalham há mais de dez anos nunca receberam formação específica para conhecer minimamente as atividades desenvolvidas por estas instituições.

Os referidos profissionais exercem suas funções nos museus, porém, não se apropriam e não se sentem pertencentes a estes espaços. Trata-se de um público em potencial, mas invisível. Outro aspecto relevante é que, de imediato, não há perspectiva de ações ou propostas de atividades voltadas para este profissional. O funcionário terceirizado é negligenciado, ou seja, ele é excluído socialmente das instituições.

Deste modo, constata-se que o convívio entre instituições e sujeitos geralmente é difícil e perpassa pelas relações de poder e aceitação do outro.

Entender o espaço geográfico a partir das diferenças, não é tarefa fácil, já que esse público em potencial encontra-se dentro dos museus, mas não têm as mesmas oportunidades do público em geral e não se sentem pertencentes dos espaços que trabalham, sendo possível perceber que são oprimidos, ignorados e negligenciados.

Em frente a esse desafio, é necessário cada vez mais abrir discussões que possam permitir uma interpretação dos espaços de vivência e uma compreensão dos fatos cotidianos que ocorrem nos espaços museais e em suas dimensões, contribuindo para uma aquisição de valores positivos que impulsionem para uma transformação social e cultural desses sujeitos.

A conclusão desta pesquisa não tem a pretensão de esgotar a temática sobre a inclusão e exclusão social dos profissionais terceirizados dos museus de ciência e tecnologia, pois entendemos que são processos materializados pelas atitudes de cada sujeito e desafios dessas instituições para consolidar o papel de construção de cidadania dentro da sociedade na qual vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. & GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª edição. São Paulo: Pioneira Thomson learning, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis, RJ. Vozes. 1980, p. 67.

CABRAL, Magaly de Oliveira. **Lições das Coisas (ou canteiros de obra) através de uma metodologia baseada na educação patrimonial**. Rio de Janeiro, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CAZELLI, Sibebe et al (2015) - Inclusão social e audiência estimulada em um museu de ciência. **Museologia e Interdisciplinariedade**, Vol. V, nº 7, Out/Nov de 2015

COIMBRA, Carlos Alberto Quadros; CAZELLI, Sibebe; FALCÃO; Douglas; VALENTE, Maria Esther. **Inclusão social e audiência estimulada em um museu de ciência** - In: Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, nº 188,

GOHN, M. da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor/ São Paulo, vol.71, ed. Cortez, 1999.

_____. (2006). **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Biblioteca Científica Electrónica, Recuperado em 27 de fevereiro, de 2013.

GRUZMAN Carla e SIQUEIRA Vera Helena F. - O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais - In: **Revista Electrónica de Iãs ciencias** Vol. 6, Nº 2, 402-423 (2007)

MARTINS, J . de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Rio de Janeiro – Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDES, Murilo. **O discípulo de Emaús**. In: **Poesia completa e prosa**. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995

MICHELS, Maria Helena. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. **Revista Brasileira de Educação de Educação** v. 11 n.33 - 2006

MINAYO, Maria Cecília de S. **Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social** In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001, p.9-30.

OLIVEIRA, Roberto D. V. Lima e QUEIROZ, Glória R. P. Campello. (Orgs.) **Olhares sobre a (in)diferença: formar-se professor de ciências a partir de uma perspectiva de Educação em Direitos Humanos** - São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

STUDART, D. C. et al. (2004). Dossiê CECA - Brasil. Educação em Museus: produto ou processo? In: Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia, Vol.1, n.1. Rio de Janeiro: IPHAN.

VALENTE, M. E. **Educação em Museus. O Público de Hoje no Museu de Ontem.** Rio de Janeiro: Tese de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação da PUC-RJ, 1995.

SOUZA, J. de. **Sociólogo diz que invisibilidade da 'ralé' é problema grave do Brasil moderno (entrevista).** Agência Brasil: Empresa Brasil de Comunicação, 27 out. 2009a. Entrevistador: Gilberto Costa Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2009-10-27/sociologo-diz-que-invisibilidade-da-%E2%80%9Crale%E2%80%9D-e-problema-grave-do-brasil-moderno>>; A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b. > Acesso em 16/10/2014

XIBERRAS, M. **As teorias da exclusão: para uma construção do imaginário do desvio.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ANEXOS

ANEXO 1: ROTEIRO DA ENTREVISTA

- Idade
- Sexo
- Escolaridade
- Ano de conclusão
- Profissão
- Vínculo com a instituição
- Tempo que trabalha na instituição
- Cidade e bairro da residência
- Você conhece museus?
- Quais museus você visitou?
- Há quanto tempo você trabalha no Museu Nacional /MAST?
- Você participou de algum treinamento sobre o acervo para atuar no museu?
- Você tem conhecimento das atividades ofertadas pelo museu?
 - Sim – Quais?
 - Não – Por que?
- Já realizou alguma visita ao MAST?
 - Sim – Sozinho ou acompanhado?
 - Não – Por que?
- Mas se tivesse oportunidade você traria sua família para realizar um visita ao museu?

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Fatores que contribuem para a Exclusão Social nos museus e Centros de Ciência. Você foi selecionado por trabalhar no museu, mas sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora e nem com qualquer setor desta Instituição.

O objetivo da pesquisa é identificar a importância dos museus e centros de ciência no cotidiano dos sujeitos e diagnosticar os principais problemas que levam à exclusão social, nestes espaços.

Sua participação consistirá numa entrevista com perguntas relacionadas ao tema desta pesquisa.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar sua identificação. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos.

Participar desta pesquisa não implicará nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação.

Você receberá uma cópia deste termo com o e-mail de contato dos pesquisadores que acompanharão a pesquisa para mais esclarecimentos.

Nome e assinatura do pesquisador

Sheila Cristina Matos dos Santos
 Telefone: (21) 980051672
 Email: sheilamatos4@hotmail.com

Orientadora: Carla Mahomed Gomes Falcão Silva
 Telefone: (21) 98768-6169
 Email: carla.silva@ifrrj.edu.br

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa, concordo em participar e autorizo a divulgação dos dados obtidos.

Sujeito da pesquisa

Data ___/___/___ _____ (assinatura do participante).